

OCORRÊNCIAS DE DITONGOS CONSONANTAIS: OUTROS AMBIENTES DE PRODUÇÃO DE DITONGOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL (PB)

Carla Maria Cunha (UFRN)

cmcunha@ufrnet.br

Marlyton da Silva Pereira (UFRN)

marlyton.let@gmail.com

Introdução

A correlação entre formas fonológicas e fonéticas que envolvem a sequência de segmentos vocálico + consonantal nasal em coda ou segmentos vocálico + consonantal [+cont] [coronal] ou ainda a sequência de segmentos vocálico + consonantal nasal + consonantal [+cont] [coronal] pode apresentar formas ditongadas no português do Brasil (PB).

Faremos, na análise em curso, diferença entre os conhecidos ditongos orais e nasais, interpretados a partir da sequência V+V (sequência de vogais orais) ou V+VN (sequência de vogal oral e vogal nasal) dos aqui tratados como formas ditongadas consonantais. Estas formas decorrem da sequência V+CN (consoante nasal) ou V+C ou V+CN+C, as consoantes mencionadas ocupam a posição de coda simples ou complexas.

Acreditamos que [j] – participante de formações do tipo [ẽj] ou [ej], [õj] ou [oj], [uj] ou [ũj], [ãj] ou [aj] – é uma produção fonética bem produtiva do PB, visto que estabelece relação tanto com segmentos vocálicos quanto com consonantais. A realização de [j] ora sinaliza um alçamento na produção de vogais coronais, ora sua realização decorre de processo de assimilação, ora ainda sua realização representa uma forma *default*. Inclusive, com relação ao arquifonema nasal /N/¹, veremos que, tanto constituindo coda simples como constituindo coda complexa com uma consoante [+cont] [coronal], esse representante fonológico pode foneticamente ser representado por [j]. O segmento [j] pode ser, ainda nos reportando à sua relação com /N/, uma forma fonética produzida independentemente dos processos de assimilação regressiva ou progressiva, considerando que há formas fonéticas bucalizadas desse arquifonema resultantes da aquisição de ponto de articulação de segmento consonantal que ocupa o *onset* da sílaba que lhe sucede ou que partilha com ele a posição de coda complexa. Sua configuração articulatória também pode vir do segmento vocálico com o qual partilha a sílaba.

Nessa discussão, ainda que não nos detenhamos na análise da semivogal [w] neste momento, lembramos o estabelecimento da correlação entre a forma semivocálica [w] com o segmento consonantal /l/, cuja relação é de variação em distribuição complementar entre a lateral [l] e a semivogal [w], formas variantes do fonema /l/, ocupantes, respectivamente, das posições de *onset* e de coda silábicas. O [w], como variante de /l/, cria também o chamado ditongo consonantal. Com essa lembrança, queremos reforçar a produtividade da variação entre consoante e segmento semivocálico no PB, variação que envolve consoante nasal ou consoante oral.

No que diz respeito mais especificamente à consoante nasal em coda, consideramos a participação dos segmentos nasais envolvidos no processo de neutralização, pois, ao

¹ Representante fonológico das consoantes nasais que perdem, na posição de coda silábica, o *status* de fonemas, ou seja, neutralizam-se. Esse arquifonema não apresenta ponto de articulação; é um segmento debucalizado.

ocuparem a posição de coda silábica, são representados pelo arquifonema /N/. Esta representação fonológica tem por forma fonética, além das formas fonéticas que espelham os fonemas nasais em *onset*, o [j] e, entre essas formas, é estabelecida uma relação de variação em distribuição complementar, produzindo-se, então, [m], [n], [ɲ], [ŋ] ou [j]. Destes cinco segmentos, o último registra-se e diferencia-se dos demais por ser produzido também independentemente de processo de assimilação.

Colaborando para o estabelecimento da relação que pretendemos determinar entre [j] e consoantes, lembramos a relação passível de ser verificada entre o fonema /ɲ/ e [j], uma de suas variantes, ainda que o primeiro esteja na posição de *onset*, a que lhe garante o *status* de fonema da língua, a exemplo de /'frõɲa/ => ['frõja].

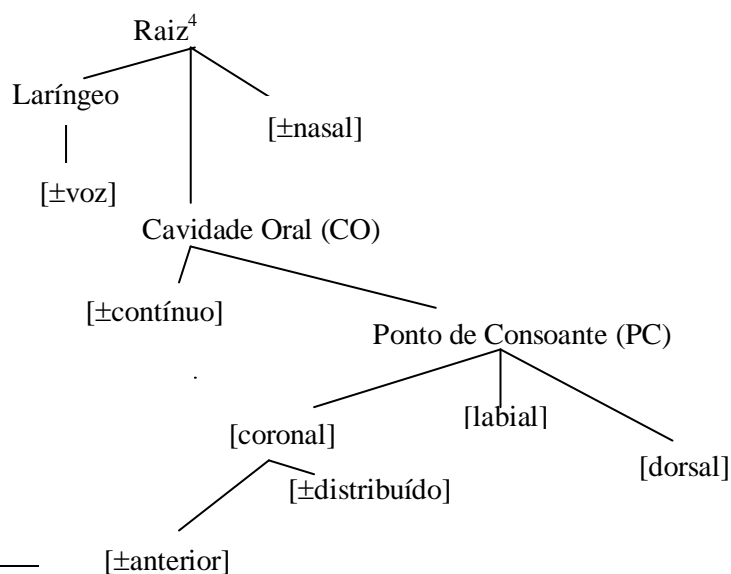
1 Respaldo teórico

Partimos, então, para o desenvolvimento de nossa análise, respaldando-a em duas interpretações iniciais:

- o português do Brasil apresenta ditongos orais ou nasais, na produção fonética dos falantes nativos, decorrentes da vizinhança fonológica V+V ou V+VN;
- os ditongos consonantais nasais ou orais são possíveis, sendo eles decorrentes das vizinhanças fonológicas V+CN; V+CN+C (coda complexa) e V+C².

O presente trabalho tem como referências teóricas a Fonologia Clássica, aqui representada por Troubetzkoy (1948) e Câmara Jr. (1988)³, e a Geometria de Traços, representada por Clements e Hume (1995).

Considerando que a discussão que faremos envolve a descrição articulatória dos segmentos, registramos, em seguida, a configuração da geometria de traços dos segmentos consonantais, de acordo com Clements e Hume (1995).



² Há aqui a participação das consoantes orais [+contínuas] e [coronais].

³ O trabalho de Troubetzkoy foi escrito na década de 1930 e o de Câmara Jr., em 1969.

⁴ A configuração da geometria das vogais é diferenciada apenas pelo acréscimo do nó vocálico (Voc), ramificado de PC, que aloca tanto o nó Ponto de Vogal quanto o nó de abertura.

Para a discussão em curso, faz-se necessário que voltemos à informação de que as consoantes nasais são fonemas e de que, dado esse *status*, a troca de uma pela outra numa palavra pode acarretar mudança ou perda de significado. A função distintiva de cada consoante nasal pode ser depreendida da comparação entre os seguintes pares mínimos:

1. [afã'nah] e [afã'mah] /n/:/m/
2. ['lĩna] e ['lĩma] /ɲ/:/m/
3. [ẽjpe'nadu] e [ẽj'peɲadu] /n/:/ɲ/

A comparação feita permite distinguir três fonemas nasais na língua: o [labial] /m/, o [coronal] [+anterior] /n/ e o [coronal] [- anterior] /ɲ/, todos em posição de *onset* de sílaba.

No que tange à posição em coda simples, os segmentos nasais que nessa posição se apresentam têm uma articulação resultante de processo de assimilação. Esse processo determina que a consoante em *onset* da sílaba seguinte pode passar seu ponto de articulação para a nasal em coda da sílaba antecedente. Também é possível que a nasal em coda seja alvo do espriamento de ponto da vogal com a qual forma sílaba. Assim, em coda silábica simples, a consoante nasal fonológica não possui especificação quanto ao ponto de articulação.

Diante do processo de neutralização observado, o arquifonema escolhido é a consoante nasal debucalizada /N/. Dessa forma, palavras cujas produções fonéticas podem registrar os segmentos [m], [n], [ɲ] e [ŋ] em coda são fonologicamente representados por /N/, a exemplo das seguintes representações fonológicas e respectivas formas fonéticas:

4. /pi'toNba/ => [pi'tõmba]
5. /piN'tura/ => [pĩn'tura]
6. /'aNgulo/ => ['ãŋgulu]
7. /'viNte/ => ['vĩntɕi]

Outra informação que se faz necessária à análise que queremos estabelecer diz respeito à diferenciação feita entre vogal nasal e vogal nasalizada, posta por Câmara Jr. (1988). Tal diferenciação, sob a perspectiva da teoria Geometria de Traços, pode ser assim explicitada:

- a vogal nasalizada caracteriza-se por receber o traço [+nasal] do segmento em posição de *onset* da sílaba seguinte;
- a vogal nasal – ainda que em uma produção fonética participe de sílaba aberta – é compreendida como uma vogal que, fonologicamente, participa de uma sílaba travada por consoante nasal. A vogal, então, que participa da mesma sílaba que a nasal em coda é alvo do espriamento do traço [+nasal] dessa consoante.

A diferenciação entre as vogais nasal e nasalizada fica, portanto, demarcada pela posição em que as consoantes nasais participantes do processo de espriamento do traço [+nasal] recaem na sílaba. Se um segmento vocálico for alvo de [+nasal] advindo de uma consoante em coda, ele será interpretado como nasal; caso venha de uma consoante em *onset*, será nasalizado, a exemplo dos seguintes dados:

8. /'saN/ => ['sã]
9. /ma'nia/ => [mã'nia]

O que vimos até agora foram as possibilidades de realizações fonéticas do arquifonema /N/ configuradas por consoantes nasais já reconhecidas na língua como fonemas. No entanto, há uma representação fonética que foge a esse paradigma: a articulação da semivogal [coronal] [j] preenchendo uma posição na sílaba a ser ocupada por segmento nasal. Essa ocorrência acaba por formar ditongos nasais diferenciados dos assim já estabelecidos no sistema.

Câmara Jr. (1988), fazendo referência aos ditongos nasais, descreve-os como uma sequência de ditongo + consoante nasal, elementos esses participantes de uma mesma sílaba. Esse autor não confirma, por outro lado, o valor fonológico do chamado ditongo nasal proveniente da sequência Vogal + Consoante Nasal, constituintes de uma sílaba diante de pausa, a exemplo de ['bẽj], produção fonética da forma fonológica / 'beN/. Claro está que esse [j] é resultante do espriamento de PV do núcleo silábico para o segmento nasal debucalizado.

Queremos distinguir a formação de ditongo nasal, fonologicamente constituído – aquele que decorre ou que é estabelecido da relação entre segmentos vocálicos –, do resultante de uma das formas de bucalização da consoante /N/. A primeira formação pode ser observada, por exemplo, na constituição da palavra *mãe*, fonologicamente / 'maeN/, de cuja representação fonológica advém a forma fonética ['mãj]. Neste caso, [j] é uma das variantes do segmento vocálico nasal /eN/ – [coronal], [-aberto1], [+aberto2], [-aberto3]. Já a segunda formação de ditongo se estabelece apenas em decorrência da vizinhança de uma V+CN, e não de V+V. É um dos casos do que chamamos ditongo consonantal, sustentado apenas foneticamente.

Ainda que nossa análise parta da interpretação de que as semivogais que participam da formação dos ditongos vocálicos orais ou nasais não integram o elenco dos fonemas na língua, a elas se chega por processos fonético-fonológicos. Em decorrência disso, entendemos que, na palavra / 'maeN /, a formação do ditongo nasal verificado na pronúncia ['mãj] decorre dos seguintes processos:

- alçamento vocálico, que, nesse caso, eleva a altura vocálica de média–alta para alta – [ẽ] passa a [ĩ];
- variação livre entre as vogais anteriores entre si – aqui a flutuação se faz entre [ẽ] e [ĩ]. Tal possibilidade, por sua vez, envolve o processo de neutralização que desfaz a oposição fonológica entre /eN/ e /iN/, quando ocorrem em ambiente átono;
- ressilabificação, considerando que [ĩ], por estar em sílaba átona antecedido por uma sílaba aberta cujo núcleo é preenchido por vogal que não seja [coronal], [-aberto1], [-aberto2], [-aberto3], passa, ao ser produzido [j], para a posição de coda dessa sílaba, tornando-a travada. Com essa nova constituição silábica, forma-se o ditongo nasal, dada a possibilidade de a vogal se tornar semivogal.

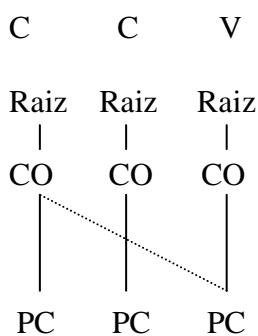
2 Consoantes em coda possibilitando a realização de ditongo

Podemos analisar a construção do ditongo consonantal nasal em que a consoante nasal debucalizada /N/ será representada foneticamente pela semivogal [j]. Essa possibilidade de realização acrescentará informações às discussões sobre ditongos e possibilidades articulatórias da consoante nasal em coda /N/.

Para falar a respeito desse tópico, temos de considerar produções de falas como [ˈtãjki] e [trãjsˈpõhti], em que, no lugar da consoante nasal com ponto de articulação da consoante que ocupa o *onset* da sílaba seguinte, encontra-se a semivogal [coronal] [j], formando um ditongo nasal derivado da estrutura (CC)VCN(C). Em outras palavras, a gênese dos processos de bucalização de /N/ envolvidos na formação de ditongo consonantal é determinada pela constituição silábica.

A presença de [j] nos dados [ˈtãjki] e [trãjsˈpõhti], consideradas as respectivas formas fonológicas /ˈtãNke/ e /traNSˈpõhte/, não decorre dos processos de assimilação esperados, pois nem [ã] nem [k] nem [p] apresentam, em suas geometrias de traços, articulação [coronal]. Consideramos, então, a possibilidade de /N/ ser alvo do espraçamento do traço [coronal] da vogal que ocupa o núcleo da sílaba seguinte – caso de /ˈtãNke/ => [ˈtãjki] – ou ser alvo do espraçamento do ponto de articulação da consoante com a qual compartilha a posição de coda complexa – caso de /traNSˈpõhte/ => [trãjsˈpõhti]. Apesar de esses espraçamentos não serem os comumente vistos, apenas um deles fere o “princípio de não cruzamento de linhas de associação” (*Prohibition on Crossing Association Lines*), tal como apresentado por Clements e Hume (1995, p.266), considerando que o traço [coronal] de /S/ pôde passar para /N/ porque esses segmentos estão imediatamente adjacentes, ou seja, não houve o cruzamento do nó ponto de consoante. Por outro lado, ao considerarmos que [j] em [ˈtãjki] resulta do espraçamento do traço [coronal] de /e/ (ou [i]), o “princípio de não cruzamento de linhas de associação” estaria sendo violado, uma vez que o nó ponto de consoante (PC)⁵ da vogal cruzaria o nó ponto de articulação de /k/.

A seguir apresentamos a representação de um cruzamento de linhas considerado indevido.



A partir dessas reflexões, sugerimos duas outras possibilidades de interpretação, tomando, como parâmetro para análise, as produções [ˈtãjki] e [ˈkãjga]:

- se o segmento interveniente entre o segmento alvo do espraçamento e o que espraia não apresentar o nó ponto de articulação ramificado de nó vocálico, o espraçamento de traço de ponto da vogal para o segmento consonantal não imediatamente adjacente passaria a

⁵O nó ponto de consoante (PC) na teoria Geometria de Traços aloca sob si os traços articulatorios correspondentes aos pontos de articulação dos segmentos consonantais e vocálicos. Se a configuração da geometria de traços for a de um segmento consonantal, os traços articulatorios estão ramificados diretamente do nó PC, enquanto na geometria de vogais esses mesmos traços estão alocados sob o nó ponto de vogal (PV).

não ferir o “princípio de não cruzamento de linhas de associação”, ou seja, o segmento aparentemente interveniente seria transparente a essa regra;

- se [j], em produção do tipo ['tãjki], for forma *default* (uma realização mais generalizante) dentre as possibilidades de realizações fonéticas de /N/, independentemente de processo de assimilação, a produção fonética como ['kãjga] (que pode variar com ['kãga]), correspondendo, respectivamente, à palavra fonológica / 'kaŋga/, evidenciaria a realização de [j], independentemente do processo de assimilação, e confirmaria a relação paradigmática desse segmento com segmento consonantal que – fonética e/ou fonologicamente – participa da posição de coda silábica.

Trazendo à discussão a realização de [j], constituinte de outra relação, nesse caso, com o fonema /r/, a exemplo de ['ba.jba], que fonologicamente é representada / 'barba/, ainda seria possível aventar a correspondência fonológica de [j] com uma consoante coronal. No entanto, para a realização de [j] em ['kãjga], ainda que a posição de coda seja assegurada fonologicamente, não há como estabelecer a realização de [j] decorrente de processo de assimilação de traço articulatório ou representativa de similaridade articulatória com os segmentos correlacionados na palavra. Todavia, os sistemas linguísticos, nos quais o PB se insere, comumente apresentam relações entre segmentos distanciados articulatoriamente, ou seja, nem sempre as relações estabelecidas compreendem segmentos com mais características articulatórias em comum. Na introdução deste artigo, já falávamos da relação entre os segmentos [w] e [l], formas de realização do fonema /l/ no PB, cuja relação de variantes em distribuição complementar é estabelecida, ainda que com referência aos pontos de articulação eles sejam bem diferentes.

Lembramos ainda que a vogal [coronal] [i] é uma das mais produtivas formas epentéticas no PB. Fazendo uma transposição às formas semivocálicas, poderíamos aventar a possibilidade de [j], também um segmento [coronal], ser a forma *default* representativa da forma semivocálica no ditongo consonantal. Justificativa para isso reside no fato de termos visto que, no caso das formas focalizadas de ditongo consonantal, o [j] representa uma forma resultante de processo de assimilação progressiva (uma análise de certa forma já bem resolvida, se falarmos da assimilação desencadeada pela vogal com a qual o segmento alvo do espraiamento de ponto de articulação compartilha a mesma sílaba⁶, estando ele em coda simples); ou uma forma resultante de assimilação regressiva (outra análise bastante aceita, desde que nela o segmento [j] assim seja produzido em decorrência do processo de assimilação regressiva do ponto de articulação do segmento que ocupa o *onset* da sílaba seguinte). Pouco se fala, por outro lado, da assimilação regressiva entre os segmentos que compartilham a posição de coda complexa e que resulta em outra realização do ditongo consonantal. Menos ainda se fala, com relação ao PB, de segmento alvo de processo de assimilação, se entre ele e o segmento desencadeador do processo se apresentar um segmento interveniente.

Quanto aos segmentos que compartilham a posição de coda complexa, constituintes da formação silábica (CC)VCC⁷ ou (CC)VCNC – resultando tal vizinhança em realização de

⁶ Provavelmente, a baixa produtividade da sequência i.j decorra da ativação do Princípio de Contorno Obrigatório (OCP) que evita a sequência de segmentos idênticos. Uma possibilidade de interpretação para a evitação dessa sequência é a que considera o acúmulo do traço [corona] com a altura do corpo da língua, que para a vogal, é de abertura mínima.

⁷ A posição de coda fonológica preenchida por duas consoantes orais, CC, é bem menos produtiva que a constituída por CNC, uma vez que o número de palavras que apresentam essa sequência de segmentos na mesma sílaba é bem reduzido. As sequências /rS/ ou /lS/ acabam promovendo realizações como [jɹ] ou [jʃ], ou ainda

ditongo consonantal –, a participação das consoantes fonológicas /S/ e /N/ é fundamental. Elas podem, inclusive, coocorrer na mesma posição de coda complexa, respeitando a sequência CNC. As codas complexas mencionadas advêm de sequências fonológicas. A segunda consoante constituinte da coda complexa comumente espraia seu ponto de articulação para a consoante antecedente, a exemplo das produções [kõjs 'tãti] ~ [kõjʃ 'tãti].

Quanto à ditongação consonantal promovida pelo espraçamento de ponto de articulação para um segmento alvo, cuja vizinhança entre ele e o segmento desencadeador do processo se apresenta um segmento interveniente, observamos casos em que a vogal que desencadeia o processo é a vogal [i], daí a ocorrência da semivogal [j]. Com relação ao que dizíamos anteriormente, continuamos a falar da posição de coda fonológica, redimensionando-a agora à coda simples e à coda cujo segmento que a preenche – coda fonológica simples preenchida pela nasal /N/ – é alvo do espraçamento de ponto da vogal núcleo da sílaba seguinte – sílaba que não é do tipo V. Chama atenção nessa interpretação o inusitado do lugar de onde parte o espraçamento, não quanto à direção regressiva do processo de assimilação, mas sim quanto ao fato de ela ocorrer intermediada por um segmento consonantal, que é analisado como um segmento transparente ao processo. O [j] que surge do processo em foco não é aquele a que fizemos referência como segmento epentético, pois a posição de coda em que recai é fonológica, além de sua realização, como já mencionamos, resultar de processo de espraçamento. A pronúncia de [j] na produção fonética ['pẽjti] para a palavra /'peNte/ pode ser compreendida de duas maneiras: uma mais corrente e a outra que queremos postular. A primeira determina que /N/, ao adquirir ponto da vogal com a qual constitui a sílaba, passa a ser produzido [j]. A segunda, por seu lado, quer estipular que o [j] que se faz presente em ['pẽjti] decorre do mesmo processo que mencionamos para o [j] da palavra ['tãjki] ou também para o [j] da produção de ['sãjgi].

Quanto à produção de [j] em ['kãjga], não é possível aplicar qualquer dos processos de espraçamento que descrevemos, como também não é possível entender sua ocorrência como um caso de segmento epentético porque a posição de coda em que ele se apresenta é fonológica. Consideramos, então, que essa realização de [j] corresponde a uma representação de forma *default*. A regra para essa realização é a seguinte: segmento em coda simples que não apresenta ponto de articulação ou que não é alvo de espraçamento de ponto é produzido como a semivogal [j], constituindo, na sequência, ditongo com a vogal núcleo da mesma sílaba.

Quanto à produção de [j] configurando um segmento epentético e formador de uma das possibilidades de ditongo consonantal, podemos estabelecer que sua promoção procede da sequência fonológica homossilábica V+C – relembramos que a vogal [i], dadas as semelhanças de traços com [j], vai apresentar uma produtividade baixa na coocorrência com [j] – desde que a consoante seja [+contínua] e [coronal], a exemplo de [pejska 'ria], ['bujʃka], [mejz 'misi] e [amõjs 'tražẽj].

[iz] ou [iʒ], a exemplo de [pejspeki 'tiva] ~ [pejʃpeki 'tiva] relacionadas à forma fonológica /peRSpek 'tiva/ ou ainda [solis 'tisiw] ~ [sojs 'tisiw] relacionadas à /solS 'tisiw/. A primeira produção do último par mostra a produção da vogal [i] epentética cuja produção, ao variar com [j,] produz processo de ressilabificação.

Considerações finais

Nossa análise pôde confirmar a produtividade na língua da relação entre segmentos semivocálicos e consonantais configurados como formas variantes, ainda que eles não apresentem configurações de traços muito próximos, a exemplo da flutuação entre [ɫ] e [w] ou de [h] e [j].

Ainda partindo de discussões já conhecidas, procuramos chegar ao entendimento da formação dos ditongos consonantais, estabelecendo a correlação destes com os ditongos vocálicos, se considerarmos que esses dois tipos se constituem apenas foneticamente, sendo um decorrente da sequência de fonemas V+V ou V+VN⁸ e o outro da sequência V+CN, V+CN+C ou V+C. Se tal análise descarta o elenco das semivogais como representantes fonológicos no sistema de segmentos consonantais, evidencia, por outro lado, o potencial que as semivogais têm de se relacionar tanto com segmentos vocálicos quanto consonantais, ora considerando semelhanças entre os traços articulatórios ora não. A consideração das semelhanças articulatórias fica mais evidente entre as semivogais e as vogais, visto que [j] pode ser forma variante de uma das vogais [coronais], enquanto [w] pode ser variante das vogais que apresentam os traços [labial] e [dorsal].

Podemos afirmar, portanto, que as semivogais na língua em estudo têm suas realizações decorrentes de processo de ressilabificação, decorrente, por exemplo, da sequência V+V que passa a V+C (segmento semivocálico) e/ou das relações de variação que elas estabelecem (variação entre segmentos vocálicos ou variação entre consoante e semivogal). Ainda podemos dizer que certas realizações de semivogais resultam de processos de espraiamento de PC ou de PV ou podemos reivindicar para o [j] a possibilidade de ele também ser uma ocorrência epentética, ou seja, seu surgimento numa pronúncia não é assegurado por uma posição silábica fonológica nem sua produção resulta de processo de espraiamento de traços articulatórios.

Embora se faça necessária a busca de mais dados que permitam a depreensão de ambientes mais diversificados – tanto para confirmar como para desfazer as possibilidades interpretativas aqui veiculadas –, podemos, por enquanto, apontar as semivogais como segmentos que, mesmo relacionados a consoantes fonológicas, produzem formações de ditongos no PB.

Referências

CÂMARA JR., J. M. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1988.

CLEMENTS, G. N.; HUME, Elizabeth V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge, MA: Blackwell, 1995. p. 245-306.

TROUBETZKOY, N. S. *Principes de phonologie*. Tradução de J. Cantineau. Paris: Klincksieck, 1948.

⁸ Além de a produção de ditongos vocálicos orais e nasais envolver certas formações silábicas avizinhas, a exemplo da sílaba V antecedida por uma sílaba aberta, (CC)V, essa forma de ditongação mostra a pertinência da tonicidade e/ou da atonicidade silábica(s) para a manifestação do próprio processo de ditongação e também do processo de ressilabificação envolvido. Para a ditongação consonantal, todavia, a tonicidade ou atonicidade silábica não manifestaram relevância para a deflagração desse processo.